

DIACRONIA

A FÉ E A ARTE, A ESCRITA E A HISTÓRIA

Geysa Silva (UNINCOR)
s.geysa@3torres.com.br

A Igreja Católica, nas suas ações em territórios coloniais, sempre teve como tarefa essencial a cristianização e a construção de templos, onde os rituais fossem celebrados. Essa preocupação, que é notada desde a chegada dos primeiros jesuítas, transmitiu-se aos que iniciavam qualquer atividade de ocupação de terras, mesmo que não seguissem a ética cristã. Toda fazenda, toda aldeia ou povoado tinha uma capela ou algo similar.

As origens de Três Corações mostram tal comportamento, conforme afirma Benefredo de Sousa, em *Datas e fatos da Terra do Rio Verde* (1971, p. 15 e seguintes). Sabe-se que a primeira capela edificada em Porto Real da Passagem (antigo nome da atual Três Corações) foi a dos Santíssimos Corações de Jesus, Maria e José, edificada por Tomé Martins Ribeiro, primeiro morador dessas paragens. Mais tarde, seu genro, Domingos Dias de Barros demoliu a antiga capelinha e começou a erguer a Ermida dos Sagrados Corações de Jesus, Maria e José, mas faleceu antes de concluir a obra, sendo que a primeira missa ali somente se realizou oito anos mais tarde, em 1817, oficiada pelo vigário de Campanha.

Pode-se imaginar a vida num lugarejo que dava seus primeiros passos rumo à civilização. Não se está nas chamadas cidades históricas de Minas, em que o ouro e os diamantes trouxeram a riqueza e, conseqüentemente, o luxo. A vila era muito simples e sustentada por atividades agrárias. Assim, embora não se tenha registro, pode-se imaginar que provavelmente a capelinha também o era, sem nada de artístico que pudesse ser comentado.

As atividades religiosas ficavam a cargo dos sacerdotes de Campanha, que vinham prestar assistência aos moradores do arraial, todavia se ressentiam da falta de seu próprio vigário. Para solucionar o problema, o capitão Domingos José de Barros, dono das catas do Perú, mandou seu filho, Antônio José dos Santos, estudar no Seminário de Mariana. De fato, Antônio José foi o primeiro padre rioverdense, da então paróquia de Três Corações, aí permanecendo como vigário até

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

1837. Essa maneira de responder às questões locais indicia o regime familiar patriarcal e a atitude diante do mundo.

O dono das terras age como um antigo senhor feudal, embora já estejamos em pleno século XIX. O que a igreja representava para ele? Por que o empenho em ter um padre nascido na própria vila? Porque a igreja era um poder de fato, tinha influência política sobre os fiéis e dela dependia, em grande parte, a aceitação de determinadas medidas nem sempre favoráveis ao povo. A igreja é o arco da aliança e o lugar de reencontro entre Deus e seu filhos. Seu valor simbólico está na percepção do mundo como unidade: somos todos descendentes do mesmo pai. Entretanto essa experiência simbólica necessita de ser mediada por alguém que seja o eco das súplicas terrenas, o intermediário entre o sagrado e o profano, daí a importância da presença dos sacerdotes.

(...) o padre é representado como mediador entre Deus e os homens, colocando-se dessa forma acima dos demais mortais. É apresentado como sendo superior aos próprios anjos, como o legítimo representante de Jesus, e por vezes, como o próprio Cristo na Terra. Sua boca é considerada sagrada porque pronuncia as palavras da consagração, suas mãos, santas porque tocam a hóstia consagrada, bem como seus pés, porque permitem a difusão do evangelho (Azzi, 2000, p. 261).

E nada melhor que um nativo da terra para fazer essa mediação. A origem comum reforça os laços de parentesco, por isso a solução adotada por quem tudo determinava na vila. O sentido de pertencimento pode ser notado nesses versos do poeta juizforano, Murilo Mendes:

Homens, irmãos de todos os tempos e países,
Formamos juntos um vasto corpo
Estendido na História através das gerações.

É no partir do corpo que reconhecemos o Senhor.
Na fração de amizade, dos bens mútuos, das palavras de consolo,
Na fração das palavras do poeta, das danças do dançarino, do canto do músico (Mendes, 1994, p. 330).

O segundo vigário de Três Corações foi Padre Agostinho de Souza Oliveira, que aí ficou até sua morte, em 1868. De temperamento dinâmico, organizou as primeiras associações religiosas e a primeira banda de música, a União Rioverdense. Seu talento político pode ser comprovado ao ter recebido, em visitas pastorais, D. Antônio Ferreira Viçoso e D. Silvério Gomes Pimenta. Para se ter uma idéia da importância desses nomes, deve-se esclarecer que Dom Viçoso foi considera-

DIACRONIA

do um dos bispos reformadores, isto é, introduziu, junto com Dom Vital, de Pernambuco, a reforma dos seminários, baseada no Concílio de Trento.

Com relação à situação do clero, três aspectos preocupavam os preladados: a falta de espírito eclesiástico, o envolvimento na política e, principalmente, a não observância do celibato clerical.

Visando contrapor-se à situação do clero pouco observante do celibato eclesiástico, os bispos do Brasil haviam procurado multiplicar os seminários nas diversas dioceses, a fim de formar uma nova geração de padres que se amoldasse ao novo modelo clerical inspirado no Concílio tridentino. Na expressão de Dom Viçoso, dever-se-ia estabelecer um muro entre o antigo clero amasiado e o novo clero formado nos seminários episcopais (Azzi, 2000, p. 18).

Por outro lado, Dom Silvério, grande orador sacro, foi o primeiro clérigo a ingressar na Academia Brasileira de Letras, ocupando a vaga de Alcindo Guanabara. A visita desses bispos, portanto, significa o prestígio de que gozava o Padre Agostinho, prestígio esse que, sem dúvida, revertia para a cidade onde ele atuava.

Padre Agostinho foi mais longe ainda, ao construir uma Igreja barroca no ponto mais central da freguesia, que crescia rapidamente. A pedra fundamental foi lançada no dia 02 de novembro de 1847. Como toda obra de igreja, a inauguração só ocorreu muito mais tarde, em 6 de setembro de 1860, dia em que foi assinado o decreto de elevação da freguesia à vila de Três Corações do Rio Verde. Em 1860, Três Corações atravessava uma fase de muita riqueza e padre Agostinho pôde construir sua Igreja toda decorada no estilo barroco, com colunatas laterais e altares trabalhados na madeira, numa clara imitação do que fazia Aleijadinho. A igreja tornou-se uma das mais belas do sul da Província de Minas Gerais. Sabe-se que o barroco foi adotado pelo catolicismo, não só na Europa, mas também em terras americanas, onde a profusão de metais preciosos propiciou a construção de templos suntuosos, que até hoje impressionam pelo brilho de seus interiores e pela beleza de suas imagens. Entretanto, em 1860, não estamos mais no Brasil colônia e, sim, aproximando-se do fim da monarquia, que terminará em 1889. Uma igreja barroca mostra Três Corações como defensora da ordem estabelecida, pois, no barroco,

A pessoa do rei surge como o prolongamento do culto divino, através do caráter sagrado que envolve a sua tomada de poder. Esse caráter sagrado suscita a transferência do poder religioso para o poder político que o rei en-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tão encarna. E a confirmação de que o Estado é um poder definido em termos de poder e comando (Angoulvent, 1996, p. 69).

A arte aparece, então, como uma ferramenta, que tem o objetivo de expressar o que o discurso verbal não consegue ou não pode exprimir. A Igreja recebeu o nome de Sagrada Família e a capela dos Santíssimos Corações foi dedicada a Nossa Senhora das Dores. A figuração tripla da divindade assume, nesse momento, um significado de equilíbrio, em meio a antagonismos que a própria instituição religiosa aceitava. Entre um pai terreno e um pai divino, Maria exerce o papel de benevolente, imagem de beleza física e de rigor moral.

Se examinarmos ao contrário, sem qualquer preconceito progressista, os fenômenos religiosos e em particular as “figuras” divinas, assistiremos a essa generalização da pseudomorfose que, longe de extinguir, por exemplo, os cultos (latrias ou dulias, pouco importa) da Deusa Mãe, os reintroduz periodicamente nos monoteísmos masculinos mais declarados (Durand, 1995, p. 121).

Prega-se a igualdade, todavia acata-se e, às vezes, defende-se a segregação. É o que acontece, quando o Padre Agostinho lança a campanha para que os pretos das congadas construam sua igreja, a do Rosário, no alto da vila, ou seja, longe da outra, freqüentada pela sociedade local. Deve-se lembrar que os padres reformadores, inclusive Dom Silvério, defendiam uma igreja letrada, distanciada de práticas supersticiosas e das manifestações de irreverência, resultado de uma mistura com os cultos de origem africana. A Igreja se torna cada vez mais romanizada.

Sobre a tradicional expressão de fé, arraigada no solo brasileiro e profundamente inserida na cultura popular, vai se expandindo uma nova perspectiva religiosa, marcada pelo seu caráter letrado, com ênfase no aspecto doutrinal e na prática sacramental, sob o controle do clero romanizado e dos numerosos religiosos provenientes da Europa e sob a orientação direta da Cúria Romana (Azzi, 2000, p. 19).

Em 28 de maio de 1922, chega em Três Corações o novo vigário da paróquia, o jovem padre recém ordenado, José Guimarães Fonseca, que deu início a uma série de discussões sobre a Matriz., que se encontrava em péssimo estado de conservação. Construída em taipa e adobe, carecia de muitas reformas e de ampliação. As autoridades civis e religiosas concluíram que as reformas custariam tanto ou mais que erguer uma nova matriz. Optou-se pela demolição da antiga e pela construção de uma nova igreja, em estilo neogótico, com instalações mais amplas, para atender a uma população que crescia. Mesmo o bispo de Campa-

DIACRONIA

nha, Dom Ferrão, tendo se pronunciado contra a demolição, essa foi realizada. Por intercessão do Bispo Coadjutor Dom Frei Inocêncio Engelk, o Bispo Diocesano Dom João de Almeida Ferrão autoriza a construção da nova Matriz. Não se valorizava ainda o patrimônio histórico. Basta dizer que, no sul de Minas, apenas as igrejas de Baependi e São Tomé das Letras conservam seu aspecto original, embora com pequenas alterações.

Decidida a demolição da antiga matriz, uma comissão dirigida pelo Padre José Guimarães Fonseca começa a angariar verbas e donativos para a construção da nova e, em todas as missas, o assunto era abordado. Isso significa que os sermões não tratavam, apenas da divulgação e explicação dos evangelhos, mas também de assuntos materiais. O discurso proferido pelos padres passa a mesclar interesses do sagrado com interesses profanos.

Em 1º de julho de 1923, num domingo, acontece uma reunião secretariada pelo professor José Brasiliense de Avelar, contando com a presença de vários membros da comunidade, todos dispostos a trabalhar pela campanha da nova Matriz. Idealizada como uma obra de arte, seria mais ampla, em local central e no mais alto da praça. Discute-se o custo da obra, o estilo em que seria construída e, naturalmente, pede-se a proteção de Nossa Senhora da Glória, numa missa realizada no dia 15 de agosto de 1923. A data tem um significado importante, por comemorar a assunção da Virgem Maria, sua eterna glorificação. Veja-se o que Leonardo Boff diz a esse respeito:

Maria continua dentro do mundo e no seio de sua igreja com a presença viva de um Vivente. Ela não é uma ausente; é apenas invisível aos olhos corporais. Está presente de forma real, embora inefável, atuante, apesar de imperceptível fenomenologicamente. O relacionamento do fiel não se processa apenas mediante a recordação de sua pessoa e obra, mas imediatamente atingindo sua pessoa viva e ressuscitada (Boff, 1998, p. 183).

Além do sistema de doação através de um livro de ouro e um livro de honra, foram criadas também festividades as mais diversas, como leilões e quermesses, que pouco a pouco foram auxiliando na arrecadação de dinheiro para o início das obras. Aquilo que os reformadores tanto combateram estava agora sendo proposto e feito pelos próprios sacerdotes, isto é, premidos pelas circunstâncias, eles aceitavam a presença do profano como maneira de conseguir seu objetivo. Recorde-se que, mesmo dentro da Igreja, algumas vezes alertavam os fiéis para que não cedessem ao que chamavam de aspecto exterior da religião. É o ca-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

so do padre Júlio Maria de Moraes Carneiro, vigário de Juiz de Fora, que temia a expansão dos evangélicos e assim pregava:

O povo só se move para as festas e procissões; e enquanto nós, católicos, nos vamos contentando com esta simples religião exterior, o protestantismo vai lavrando, inoculando o seu veneno nas veias da cidade, apoderando-se por meios diversos da infância, da mocidade e até da velhice (Carneiro, 1934, p. 161).

Em procissão, as primeiras imagens da Matriz foram trasladadas para a Igreja do Rosário, reformada para substituir, temporariamente, a antiga Igreja. A demolição teve início no dia 19 de agosto do mesmo ano e tomou proporções de grande acontecimento, com aglomeração dos fiéis emocionados e fotógrafos amadores preocupados em registrar a cena. Os mais piedosos se acercaram do local para acompanhar os golpes das marretadas e das picaretas, rezando o terço em voz alta durante todo o dia, em revezamento até o anoitecer. A destruição de um edifício, em particular de um templo, tem repercussões no imaginário de quem a vivencia. Compreende-se a atitude desses fiéis, que viam a casa do Senhor ser destruída. Alguma coisa estava morrendo naquela hora e era preciso minorar a perda de certa forma, rezando talvez.

A principal razão para fazer isso é que apenas pela manifestação de nossas próprias expressões simbólicas podemos exercer o controle sobre nós mesmos. Dentro do eu humano existem sempre forças conflitantes, mas o signo tem a maravilhosa propriedade de ser capaz de despertar várias forças diferentes ao mesmo tempo, tecendo-as em uma expressão relativamente unificada. Portanto, pela auto-exteriorização, a manifestação exterior de si próprio, e pela auto-irradiação, podemos criar significado e valor □ sendo tão maravilhosamente dúplices como somos e como a linguagem é (Cupitt, 1999, p. 94).

Aberta a concorrência pública para a construção da igreja, o vencedor foi o construtor Clemente Marques, cambuquirense, responsável pela edificação das Matrizes de Campanha e Cambuquira. Ele pede o prazo de dois anos para a entrega da obra, exigindo a quantia de 120 contos de réis pelo serviço. Ao engenheiro arquiteto Frizotti Agostini coube a elaboração da planta e ao pintor libanês, Pedro Zogbi, os trabalhos interiores. O estilo adotado é o neogótico. O barroco sai de cena. O gótico prevê o equilíbrio e alcança a altura. É o estilo do vitral. As paredes brancas são suavizadas pelas variações da luz que contribuem para o simbolismo da arquitetura. Como na Idade Média, Deus é luz, brilho em meio à alvura dos céus. A cidade abandonava de vez o

DIACRONIA

simbolismo da monarquia para adentrar a modernidade, isto é, adotar a república que se iniciava.

No início da república brasileira, a estabilidade dos proprietários agrícolas estava abalada, contudo os artistas ainda eram meros executores dos gostos de eclesiásticos e de senhores rurais. Assim ocorreu com a Matriz de Três Corações, construída de acordo com o gosto do padre local, que passa a disputar com o vigário de Elói Mendes a posse da igreja com a maior torre da região.

Em 7 de setembro de 1926, na gestão do prefeito Cornélio Ferreira, é inaugurada a nova matriz, com festejos que duraram seis dias e contaram com a participação de cinquenta padres. É importante notar que as festas são acontecimentos que proporcionam ao povo um intervalo no cotidiano e celebram o tempo do prazer, mesmo quando revestidas de um caráter de seriedade; elas permitem que, uma vez terminadas, a ordem seja mantida.

A festa oficial, às vezes, mesmo contra as suas intenções, tendia a consagrar a estabilidade, a imutação e a perenidade das regras que regiam o mundo: hierarquias, valores, normas e tabus religiosos, políticos e morais correntes. A festa era o triunfo da verdade pré-fabricada, vitoriosa, dominante, que assumia a aparência de uma verdade eterna, imutável e peremptória (Bakhtin, 1993, p. 8).

Histórias são contadas a respeito dessa construção, porém só se pode comprovar o que existe nos documentos da Matriz. A respeito das imagens, por exemplo, sabe-se que os santos barrocos foram levados para Mariana e Diamantina, que o ouro das colunas foi recoberto por *colorget*, etc. Realmente, existe, no coro, uma imagem barroca de São Sebastião, enquanto há outra, do mesmo santo, quase em tamanho natural, doada pelo prefeito Odilon Rezende, dentro da igreja. Essa troca não é sem conseqüências, pois a imagem tem a função simbólica de coordenar a consciência e os atos dos fiéis; pela imagem passa o atributo de sentido e permite-se a individuação. Ao ser trocada, a imagem vai afetar o imaginário dos que a veneram.

Porque a missão do símbolo é unificar planos heterogêneos de consciência e ação, sem confundi-los. Pela potência simbólica, permite-se ao mesmo tempo a individuação extremada, autêntica, da pessoa e seu relacionamento total com um Cosmos simbólico □ “uma terra celeste” □ muito mais do que qualquer imperativo categórico racional que proíbe ao homem toda alienação e assim se torna Doador do Sentido (Durand, 1995, p. 39).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Outro ato simbólico foi a colocação dos sinos, realizada em 30 de dezembro de 1948. São três carrilhões, pesando um total de 1441 kg. O maior deles tem o som de dó natural; o médio, o de fá natural e o menor, o de lá natural. Os sinos, numa cidade de interior, têm mais que uma função religiosa. Eles regulam a vida das pessoas, que se torna ritualizada. Anunciam a hora de levantar para o trabalho, o meio-dia, o final da tarde, as festas e até a morte. Dotada desses carrilhões poderosos, a matriz de Três Corações assegura, para a Igreja Católica, um lugar de destaque numa região que vê chegar novas promessas de espiritualidade que acenam com outros caminhos para atingir o Reino de Deus.

REFERÊNCIAS

ANGOULVENT, Ane-Laure. *O barroco*. Trad. Maria Luzia Machado. Lisboa: Europa-América, 1996.

AZZI, Riolando. *Sob o báculo episcopal*. Juiz de Fora: Centro da memória da igreja de Juiz de Fora, 2000.

BAKHTIN, Mkaíl. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. O contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 1993.

BOFF, Leonardo. *O rosto materno de Deus*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CARNEIRO, Júlio Maria de Moraes. *O Deus desprezado*. Rio de Janeiro: Boa Imprensa, 1934.

CUPPIT, Don. *Depois de Deus*. O futuro da religião. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DURAND, Gilbert. *A fé do sapateiro*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: EdUnB, 1995.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SOUZA, Benefredo de. *Datas e fatos da Terra do Rio Verde*¹. Pouso Alegre: Tipografia Escola Profissional, 1971.

¹ Observação: Todas as informações a respeito da história de Três Corações foram retiradas do livro *Datas e fatos da Terra do Rio Verde*, de Benefredo de Sousa.